

Universidade do Estado do Pará  
Centro de Ciências Naturais e Tecnologia  
Curso de Bacharelado em Relações Internacionais  
Trabalho de Conclusão de Curso



ARIAN HENRIQUE LEITE ROTERDAN

MAYARA JULIANA MELO REIS

**OS “VERDADEIROS REFUGIADOS” E OS “OUTROS”:  
identidade étnica, raça e nacionalidade no caso de refugiados  
de guerra sírios e ucranianos na Itália**

BELÉM-PA

2023

ARIAN HENRIQUE LEITE ROTERDAN  
MAYARA JULIANA MELO REIS

**OS “VERDADEIROS REFUGIADOS” E OS “OUTROS”:  
identidade étnica, raça e nacionalidade no caso de refugiados de guerra sírios e  
ucranianos na Itália**

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC),  
apresentado ao Centro de Ciências Naturais e  
Tecnologia da Universidade do Estado do Pará  
como requisito de qualificação de TCC do Curso de  
Bacharelado em Relações Internacionais.

Orientador (a): Milton Ribeiro da Silva Filho

BELÉM-PA

2023



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS NATURAIS E TECNOLOGIA  
CURSO DE BACHARELADO EM RELAÇÕES INTERNACIONAIS

## FOLHA DE APROVAÇÃO

**“OS ‘VERDADEIROS REFUGIADO’ E OS ‘OUTROS’: IDENTIDADE ÉTNICA, RAÇA E NACIONALIDADE NO CASO DOS REFUGIADOS DE GUERRA SÍRIOS E URANIANOS NA ITÁLIA”**. Trabalho de Conclusão de Curso, foi apresentado como requisito necessário para obtenção do título de Bacharel/a em Relações Internacionais pelas/os alunas/os **ARIAN HENRIQUE LEITE ROTERDAN & MAYARA JULIANA MELO REIS**, em 09 de janeiro de 2024, na Universidade do Estado do Pará (UEPA), e aprovado pela Banca Examinadora, formada pelos seguintes membros:

---

**Me. Milton Ribeiro da Silva Filho, UEPA**  
Orientador

---

**Dra. Mayane Bento Silva, UEPA**  
1ª Avaliadora

---

**Dra. Brenda Thainá Cardoso de Castro, UNAMA**  
2ª Avaliadora

Belém/PA, 09 de janeiro de 2024.

## **Agradecimentos**

**MAYARA** — Não há nenhum lugar onde possamos chegar sozinhos, por isso, agradeço à família, amigos e ao meu orientador, Milton Ribeiro, pelo suporte necessário nos últimos meses. À minha mãe, Rana Viana, que sempre fez o possível e o que parecia impossível para que eu realizasse meus sonhos; aos meus amigos, por terem mais fé em mim do que eu mesma e por sempre me apoiarem (menção honrosa a Giovanna Carvalho, a melhor amiga que alguém poderia ter); ao Arian Roterdan, pela parceria incrível sem a qual eu não teria concluído o artigo; aos professores que me inspiraram ao longo da graduação; aos inúmeros incentivos que recebi nos momentos mais difíceis, de pessoas muito especiais e próximas e, até mesmo, de desconhecidos gentis. Foi muito importante perceber que eu não estava sozinha e jamais estarei. Agradeço, por fim, ao universo pelas oportunidades que pude experimentar nos últimos quatro anos.

**ARIAN** — Sendo criado em um ambiente de pluralidade religiosa, quero agradecer, primeiramente, a Deus, a Nossa Senhora de Nazaré, aos Orixás e a toda minha ancestralidade, por sempre me acompanharem e me guiarem.

Agradeço imensamente aos meus pais, Leila e Oldecir; a minha irmã, Juliana; a minha segunda mãezinha, Edna; às minhas avós, Antônia e Suelhi; aos meus avós, bisavós — Elias, Odilacir, Hermínia, Ermínia e Alzira — e aos meus tios-avós, que hoje me guiam desde o Plano Espiritual; e a todos os meus tios e primos pelo apoio, compreensão e, principalmente, por todo o amor que me dão.

Agradeço ao nosso orientador, Milton Ribeiro, por todas as conversas, sugestões, correções e, especialmente, por todas as aulas, que foram primordiais para a elaboração deste artigo.

Agradeço a todos os meus amigos e, especialmente, à Mayara, por toda a parceria que criamos e desenvolvemos durante esta jornada. Este artigo é fruto de todo o nosso esforço, nossa dedicação e conexão.

## RESUMO

ROTTERDAN, A.; REIS, M.. OS “VERDADEIROS REFUGIADOS” E OS “OUTROS”: identidade étnica, raça e nacionalidade no caso de refugiados de guerra sírios e ucranianos na Itália.

Orientador: Milton Ribeiro da Silva Filho. Trabalho de Conclusão de Curso (Relações Internacionais) - Universidade do Estado do Pará, Belém, 2023.

O objetivo deste artigo é discutir a diferença de tratamento e recepção de refugiados de guerra oriundos da Ucrânia e da Síria na Itália. Com a guerra entre Rússia e Ucrânia iniciada em fevereiro de 2022, diversas pessoas se viram na necessidade de se refugiar em outros países, dentre eles a Itália. Contudo, há anos tal país é também porta de entrada para refugiados de guerra oriundos da Síria em direção à Europa, e que, ao buscarem segurança na soberania de outros Estados, observam um tratamento diferente para si em relação àquele dado aos ucranianos. Neste sentido, o centro do debate se dará na análise das condições dos refugiados de guerra desses dois países, comparar a recepção do governo italiano e das políticas voltadas para os casos específicos, além de explicar por qual motivo existe tal discrepância nessas relações, à luz das teorias pós-colonial e decolonial e do orientalismo. A hipótese apresentada é a de que a identidade do refugiado é o principal fator que explica a diferença de tratamento. Para a realização

deste artigo, foi empregado o método de pesquisa exploratória, e a coleta de dados ocorreu a partir de fontes primárias e secundárias. A pesquisa conclui que, de fato, a identidade do refugiado é o elemento central para compreender a maneira que se dá o acolhimento de distintos refugiados de guerra na Europa, onde povos brancos e cristãos são priorizados em detrimento daqueles que não se encaixam nessa categoria.

Palavras-Chave: Refugiados de guerra, pós-colonialismo; decolonialidade; orientalismo; identidade e raça, discriminação

## ***ABSTRACT***

ROTTERDAN, A.; REIS, M. **OS “VERDADEIROS REFUGIADOS” E OS “OUTROS”**: identidade étnica, raça e nacionalidade no caso de refugiados de guerra sírios e ucranianos na Itália. Orientador: Milton Ribeiro Filho. Trabalho de Conclusão de Curso (Relações Internacionais) - Universidade do Estado do Pará, Belém, 2023.

The main purpose of this article is to discuss the difference in treatment and reception of war refugees from Ukraine and Syria in Italy. Since the beginning of the war between Russia and Ukraine in February 2022, several people found themselves needing to take refuge in other countries, including Italy. However, for years this country has also been a gateway to Europe for war refugees from Syria, who, when seeking security in the sovereignty of other States, observe different treatment given to them compared to the one given to Ukrainians. In this context, the center of the debate will be the analysis of the conditions of war refugees from these two countries, comparing the reception of the Italian government and policies aimed at these specific cases, in addition to explaining why there is such discrepancy in these relations, in light of pos-colonial and decolonial theory and orientalism. The hypothesis presented is that the refugee's identity is the main factor that explains the difference in treatment. To carry out this article, the exploratory research method was used, and data collection occurred from primary and secondary sources. The research concludes that the refugee's identity is indeed the central element to understand the way in which different war refugees are welcomed in Europe, where white and Christian people are prioritized to the detriment of those who do not fit into this category.

*Keywords: war refugees; pós-colonialism, decolonial, orientalism, identity and race; discrimination.*



## SUMÁRIO

RESUMO.....	5
<i>ABSTRACT</i> .....	6
<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>11</b>
<b>2. IDENTIDADE DO REFUGIADO.....</b>	<b>13</b>
2.1. A identidade italiana.....	15
2.2. Identidade síria.....	16
2.2. Identidade ucraniana.....	20
<b>3. O ORIENTALISMO E A COMOÇÃO SELETIVA.....</b>	<b>22</b>
<b>4. A ITÁLIA NO CONTEXTO DE ACOLHIMENTO DE REFUGIADOS SÍRIOS E UCRANIANOS.....</b>	<b>24</b>
<b>5. RESULTADOS DA PESQUISA.....</b>	<b>28</b>
REFERÊNCIAS.....	28

## **OS “VERDADEIROS REFUGIADOS” E OS “OUTROS”: identidade étnica, raça e nacionalidade no caso de refugiados de guerra sírios e ucranianos na Itália**

Arian Henrique Leite Roterdan<sup>1</sup>

Mayara Juliana Melo Reis<sup>2</sup>

Prof. Me. Milton Ribeiro da Silva Filho<sup>3</sup>

**Resumo:** O objetivo deste artigo é discutir a diferença de tratamento e recepção de refugiados de guerra oriundos da Ucrânia e da Síria na Itália. Com a guerra entre Rússia e Ucrânia iniciada em fevereiro de 2022, diversas pessoas se viram na necessidade de se refugiar em outros países, dentre eles a Itália. Contudo, há anos tal país é também porta de entrada para refugiados de guerra oriundos da Síria em direção à Europa, e que, ao buscarem segurança na soberania de outros Estados, observam um tratamento diferente para si em relação àquele dado aos ucranianos. Neste sentido, o centro do debate se dará na análise das condições dos refugiados de guerra desses dois países, comparar a recepção do governo italiano e das políticas voltadas para os casos específicos, além de explicar por qual motivo existe tal discrepância nessas relações, à luz da teoria decolonial e do orientalismo. A hipótese apresentada é a de que a identidade do refugiado é o principal fator que explica a diferença de tratamento estabelecida. Para a realização deste artigo, foi empregado o método de pesquisa exploratória, e a coleta de dados ocorreu a partir de fontes primárias e secundárias. A pesquisa conclui que, de fato, a identidade do refugiado é o elemento central para compreender a maneira que se dá o acolhimento de distintos refugiados de guerra na Europa, onde povos brancos e cristãos são priorizados em detrimento daqueles que não se encaixam nessa categoria.

**Palavras-chave:** Refugiados de guerra, pós-colonialismo; orientalismo; identidade e raça; discriminação.

---

<sup>1</sup> Graduando em Relações Internacionais da UEPA. E-mail: contato.arianroterdan@gmail.com

<sup>2</sup> Graduanda em Relações Internacionais da UEPA. E-mail: reis.may.m@gmail.com

<sup>3</sup> Professor Doutor em Ciências Sociais. Departamento de Filosofia e Ciências Sociais. E-mail: milton.ribeiro@uepa.br

***Abstract***

The main purpose of this article is to discuss the difference in treatment and reception of war refugees from Ukraine and Syria in Italy. Since the beginning of the war between Russia and Ukraine in February 2022, several people found themselves needing to take refuge in other countries, including Italy. However, for years this country has also been a gateway to Europe for war refugees from Syria, who, when seeking security in the sovereignty of other States, observe different treatment given to them compared to the one given to Ukrainians. In this context, the center of the debate will be the analysis of the conditions of war refugees from these two countries, comparing the reception of the Italian government and policies aimed at these specific cases, in addition to explaining why there is such discrepancy in these relations, in light of decolonial theory and orientalism. The hypothesis presented is that the refugee's identity is the main factor that explains the difference in treatment. To carry out this article, the exploratory research method was used, and data collection occurred from primary and secondary sources. The research concludes that the refugee's identity is indeed the central element to understand the way in which different war refugees are welcomed in Europe, where white and Christian people are prioritized to the detriment of those who do not fit into this category.

***Keywords:*** *war refugees; post-colonialism, orientalism, identity and race; discrimination.*

## 1. INTRODUÇÃO

A migração é um fenômeno que acompanha a humanidade desde o seu início, sendo definida como o deslocamento de pessoas entre diferentes territórios ou entre regiões que compõem um mesmo território (Sousa, 2019); a quem realiza esse trajeto é cunhado o termo ‘migrante’. Para entender melhor os motivos que levam a tal movimento, Sousa (2019) o divide em duas categorias: as migrações de natureza leve, que abrangem a procura por emprego, estabilidade e mais segurança social no local de destino, e as migrações de natureza grave, em que os indivíduos buscam escapar da fome, de guerras, desastres naturais, dentre outros.

Para o Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados (ACNUR), porém, é necessário aprofundar o debate e diferenciar os termos que definem quem se desloca voluntariamente — os migrantes propriamente ditos — e quem se vê forçado a se deslocar — no caso, os refugiados. A distinção seria justificada para melhor estabelecer os direitos e deveres entre esses últimos e seus Estados de destino, a fim de evitar entendimentos parciais e enviesados sobre refúgio e migração (ACNUR, 2016). Além disso, os migrantes voluntários ainda podem contar com a assistência e proteção de seus locais de origem, enquanto os refugiados carecem desse apoio pelas condições em se encontram, como aquelas apresentadas por Sousa (2019) na categoria de natureza grave somadas às perseguições religiosas, étnico-raciais e ideológicas.

A questão do refugiado, entretanto, tem gerado diferentes reações pelo mundo, especialmente na Europa. O fluxo de pessoas que partem rumo a tal continente em busca de abrigo intensificou-se na segunda década do século XXI, gerando um episódio conhecido como a Crise Migratória de 2015, ano que marcou o auge desse acontecimento, sendo os sírios a maior nação constituinte desse deslocamento (Lopes, 2021). Tal onda migratória expôs as fragilidades da União Europeia para responder a situações de emergências (Lopes, 2021), levando à implementação de políticas mais restritivas nas fronteiras europeias e na regulamentação de vistos que acabaram por criar um ambiente propício para a migração irregular (Longo; Souza, 2022). Esses fatos foram instrumentalizados pela extrema-direita para difundir discursos de ódio, racistas e xenofóbicos e conseguir crescer politicamente na região (BBC, 2021).

Contudo, após a invasão da Ucrânia pela Rússia em fevereiro de 2022, que resultou em uma nova onda de refugiados, desta vez ucranianos, em direção aos países da União Europeia, observou-se que as reações políticas na região foram de acolhimento aos que escapavam da guerra. De fato, Pinotti (2022) pontuou que os refugiados ucranianos contaram com um tratamento e uma proteção unânime por parte dos países da UE que não foram observados na recepção de refugiados sírios, recebidos com menos humanidade.

Neste sentido, o presente artigo analisa de que forma se estabelece a diferença de tratamento na recepção de refugiados de guerra sírios e ucranianos na Itália. A hipótese para responder tal questão é a de que identidade, marcada por raça, etnia e nacionalidade, acompanhada igualmente pela religiosidade, são elementos centrais que determinam como cada refugiado é percebido e tratado pelo Estado italiano. O país foi escolhido como o foco da pesquisa por ser uma das principais portas de entrada de refugiados sírios à Europa Ocidental (ACNUR, 2015), devido à sua posição geográfica, e por possuir a segunda maior comunidade ucraniana dentro da União Europeia (Mancino, 2022). Além disso, a Itália atualmente é representada<sup>4</sup> por Giorgia Meloni e Matteo Salvini, políticos de extrema-direita que cresceram e assumiram cargos importantes no governo italiano — sendo Meloni atualmente a Primeira-Ministra do país e tendo Salvini como seu vice — apoiando-se em discursos anti-imigração árabe e africana, mas que não hesitaram em reconhecer e acolher os ucranianos como “verdadeiros” refugiados. Tais discursos serão analisados no decorrer do texto, à ótica de teorias pós-coloniais.

Para a elaboração deste artigo, utilizou-se o método de pesquisa explicativa, de modo a possibilitar uma maior compreensão acerca da diferença de tratamento estabelecida na recepção desses refugiados. O método de abordagem utilizado no artigo foi o dedutivo, partindo de premissas gerais - o racismo como força propulsora do movimento anti-imigração na Europa - para casos específicos - a situação de refugiados de guerra sírios e ucranianos na Itália (GIL, 2008, p. 9). Para tanto, a coleta de dados deu-se a partir de fontes primárias e secundárias, como discursos de políticos, livros, artigos acadêmicos e jornalísticos, dentre outros. Por se tratar de fatores humanos e sociais, sendo realizada correlação de dados e teorias, o estudo é de natureza qualitativa (MARCONI; LAKATOS, 2003) e básica, pois não possui como objetivo a aplicação imediata dos possíveis resultados. O trabalho pode ser classificado como interdisciplinar, tendo em vista que as teorias e os conceitos tratados na pesquisa advém tanto das Relações Internacionais quanto da Ciência Política. Em seu procedimento técnico, a pesquisa se configura como estudo de caso, considerando que este

---

<sup>4</sup> Leva-se em consideração o período em que este artigo foi escrito e finalizado, em fevereiro de 2024.

método é utilizado para entender as ligações operacionais traçadas ao longo do tempo a partir de um estudo específico da situação (YIN, 2001). Nesta análise, será estudado o acolhimento e recepção de refugiados na Itália, com foco em dois grupos: refugiados sírios e refugiados ucranianos.

## **2. IDENTIDADE, RAÇA E ETNIA EM PERSPECTIVA**

De acordo com Frota (2012), o conceito de identidade nacional surge no final do século XVIII e ressignifica-se no decorrer dos séculos seguintes, sendo alvo de debates. No entanto, ao pensar em identidade nacional nos dias atuais, o principal significado que vem em mente, segundo a autora, é o de um povo que apresenta uma mesma origem, história, língua, tradições, dentre outros, e que “a partilha desses elementos implicaria necessariamente uma identidade comum.” (Frota, 2012, p. 15).

Para os teóricos do construtivismo nas Relações Internacionais, as pessoas são seres sociais e suas relações um para com os outros transformam e constroem quem cada um é (Guimarães, 2021). Ainda, o paradigma é caracterizado pela importância dada aos papéis das ideias e das identidades na construção da “ação política e a relação mutuamente constitutiva entre agentes e estruturas” (Guimarães, 2021, p. 105), que modificam-se de acordo com seus interesses — em outras palavras, ideias e identidades não são imutáveis. Ainda, de acordo com Ramos (2022), para os construtivistas, a maneira como se trata o “outro” resulta da forma em que um agente cria a imagem desse em contraste a sua. Assim, os agentes sociais, estatais ou não-estatais, influenciam as estruturas e por elas são influenciados.

Stuart Hall apresenta um pensamento similar, no qual considera que as identidades nacionais não são formadas a partir do gene, mas constituídas a partir das representações culturais (Hall, 2006). Desta forma, busca-se entender de que maneira a identidade europeia, com um maior foco na italiana, relaciona-se com as identidades síria e ucraniana e influenciará na elaboração de políticas de acolhimento a esses refugiados.

Segundo Aníbal Quijano, “raça” é uma construção ideológica que se relaciona com a história de poder no capitalismo global, da modernidade colonial eurocêntrica (Quijano, 1999). Embora aborde-a no contexto da exploração da América, tal fato concedeu a própria identificação geocultural da Europa e, ao mesmo tempo, definiu-a como núcleo hegemônico do capitalismo, facultando aos europeus a imposição da ideia de “raça”, especialmente àqueles do Ocidente, na divisão laboral, na categorização social e geocultural da população global. “Al comienzo mismo de América, se establece la idea de que hay diferencias de naturaleza

biológica dentro de la población del planeta, asociadas necesariamente a la capacidad de desarrollo cultural, mental en general” (Quijano, 1999, p. 3). Ao analisarmos o conceito de identidade, podemos encontrar similaridades com o ideário de raça, uma vez que, consoante com a concepção de Stuart Hall (2006) - já apresentada no artigo -, as identidades nacionais não se originam geneticamente, mas são forjadas a partir das representações culturais, de modo a sofrer transformações e interpretações ao longo da história.

Apesar de Quijano iniciar os estudos sobre Colonialidade no texto “Colonialidad del poder, cultura y conocimiento en América Latina”<sup>5</sup>, é Walter Mignolo quem elabora o conceito e o associa com a ideia de modernidade, definindo-o como o lado mais perverso do processo de modernização, considerando que estes dois fenômenos — Colonialidade e Modernidade — não podem ser estudados de forma a serem separados (Mignolo, 2017). O desenvolvimento do capitalismo enquanto um sistema econômico moderno está, desse modo, intrinsecamente conectado à escravização e à exploração de povos não-europeus e à Colonialidade, já que a subjugação dos povos de outras raças era tratada como natural e coerente com a hierarquia racial legitimada pelo próprio colonialismo (Guimarães, 2021). Se pensarmos nos seus efeitos de exclusão e limitação do acesso a espaços, podemos resgatar um dos maiores pensadores e sociólogos sobre racismo, W.E.B. Du Bois, e sua teoria de Linha de Cor - uma estrutura mundial de domínio racial mantida por influências econômicas, políticas e ideológicas em âmbito global (Morris; Burnett, 2018). Du Bois declara, em seu célebre livro *As Almas do Povo Negro*, que o grande mal do século XX não seria a falta de oportunidades econômicas, mas sim a desigualdade no acesso a tais oportunidades. Saraiva destaca:

Afinal de contas, aponta DuBois, não é meramente pela diferença na oferta de capital e trabalho que se diferenciavam os países europeus do restante do mundo, mas pela estruturação imperial, imperialismo esse que fora justificado e reiterado pela superioridade dos povos brancos em relação aos povos negros em âmbito científico e religioso (Saraiva, 2018, p. 14)

É com Du Bois que a sociologia americana inicia seu caráter crítico e passa a trabalhar o colonialismo como um fator constitutivo do imperialismo ocidental. Sua análise em *As Almas do Povo Negro* leva ao questionamento a qual minorias raciais subjugadas pela branquitude podem estar sujeitas: *How does it feel to be a problem?*<sup>6</sup>. É a dificuldade em conviver com a diferença, como defenderia posteriormente Stuart Hall, o problema do século XXI (Hall, 1999). Neste sentido, Grosfoguel (2014) assinala que os discursos baseados no racismo biológico mudaram para um foco cultural e religioso, especialmente na islamofobia, como um jeito principal de discriminar os árabes, afinal:

---

<sup>5</sup> (QUIJANO, 1998).

<sup>6</sup>“Qual a sensação de ser um problema?” (tradução nossa).

Es absolutamente imposible desvincular el odio o el miedo a los musulmanes del racismo contra el no-europeo que data del siglo XVI. Los discursos islamófobos y el racismo culturalista se entremezclan y se superponen. [...] una imbricación de la islamofobia con el racismo colonial que aún permanece viva en el mundo actual, especialmente en los centros metropolitanos, a pesar de la desaparición de las administraciones coloniales en casi todo el mundo desde hace 40 años. (Grosfoguel, 2014, p. 89).

A partir dessa atenção à cultura e religiosidade, evidencia-se a questão de raça *versus* etnia. Segundo Santos et al. (2010, p. 124), o conceito de raça, embora restrinja-se ao âmbito biológico, “foi utilizado historicamente para identificar categorias humanas socialmente definidas”, de modo a justificar a subjugação de outros povos aos europeus. Em relação à etnia, Santos et al (2010) destacam que, além de características fenotípicas, ela considera, também, tradições, língua, nacionalidade, território, história, cultura e religião na construção da identidade de um povo. Desta maneira, tais conceitos são cruciais para entender a formulação de discursos e políticas voltadas para os refugiados aqui estudados.

## **2.1. A identidade italiana**

Após a unificação, em 1870, dos variados reinos que constituíam a península itálica, fez-se necessário construir uma identidade italiana que se sobrepusesse às demais identidades regionais, de forma a consolidar o novo Estado-nação que surgia na Europa (Vianna, 2021). Em seu texto, intitulado “A italianidade em Igiaba Scego: repensar a identidade italiana a partir de uma perspectiva pós-colonial”, Vianna (2021) destaca que buscava-se idealizar a imagem do “bom italiano” branco, católico e obediente aos pais e às instituições do país, embora diferenças socioculturais e étnicas viessem a representar um desafio para a implementação desse projeto.

Em todo caso, as décadas seguintes foram marcadas pelo esforço de superar essas diferenças e criar uma nova identidade nacional, baseada no passado do Império Romano (Vianna, 2021), marcado pelas suas conquistas sobre outros territórios. Neste contexto, a Itália lançou-se na tomada de outros territórios, o que foi expresso na colonização da Líbia, no norte da África, na Eritreia, em parte da Somália e na tentativa não-sucedida de colonizar a Etiópia, no Chifre da África. Após a Primeira Guerra Mundial, o país foi sede da Conferência de Sanremo, e participou das discussões sobre o controle da Síria, da Palestina e da Mesopotâmia, junto à França, ao Reino Unido e ao Japão, após a derrota do Império Otomano (ONU, 2019). Posteriormente, Benito Mussolini, líder do partido fascista, intensificou os discursos imperialistas espelhados no antigo Império Romano, sob a justificativa de que os italianos

deveriam levar liberdade aos povos “primitivos” e “sem cultura” (Pimentel, 2022). Durante a Segunda Guerra Mundial, Mussolini disputou territórios na Grécia e no norte da África (Cervo; Saraiva; Döpcke, 2007). As colônias, mencionadas anteriormente, permaneceram sob o controle italiano até a sua derrota e queda do fascismo após a guerra.

Entretanto, houve um esforço bem-sucedido por parte dos governos subsequentes de apagar da memória dos italianos o passado imperialista do país, como forma de reestabelecer a imagem nacional (Vianna; Bona, 2020). Dessa forma é possível afirmar que a relação atual dos italianos para com os africanos e outros povos colonizados que, de alguma forma, sofreram suas influências em tomadas de decisão, é de total ignorância ou silenciamento (Vianna; Bona, 2020).

## **2.2. A Identidade síria**

A perspectiva ocidental sobre o que chamamos de Oriente é, segundo Edward Said (2007), fruto de um imaginário baseado na superioridade racial e cultural àqueles que não são considerados europeus. Essa visão estaria dotada de estereótipos sobre uma sociedade oriental de padrão único, em especial para com os árabes, que seriam distintos dos costumes e religião europeus (cristãos) (Said, 2007). É imprescindível destacar que o Oriente Médio abriga grupos de diversas religiões e etnias (curdos, cristãos, judeus, árabes, etc) e possui um passado repleto de disputas territoriais próprias da região. Para contextualizar a premissa de que o oriente médio é uma construção ocidental e responder a pergunta-problema deste trabalho, faz-se necessário explorar a identidade árabe, em especial a identidade árabe-síria.

No que concerne à cultura árabe, a religião possui grande importância para a sua construção. O Islã foi iniciado com Muhammad, em Meca no século VII d.C, quando, de acordo com as convicções dos adeptos desta religião, ele compreendeu ser o último profeta de Allah na Terra e responsável por comunicar mensagens de Deus ao mundo. Através do Alcorão (*al-Qur'an*), seriam instituídas novas formulações religiosas que diferiam do judaísmo e do cristianismo, criando a religião Islã. Muhammad foi capaz de iniciar a expansão árabe pelo Oriente Médio a partir de Medina e, após sua morte, a vertente sunita elevou a dominação árabe até a Península Ibérica (Hourani, 2006).

A divisão do Islã entre sunitas e xiitas se deu exclusivamente após sua morte, quando seus discípulos especulavam sobre quem deveria ser o sucessor de Muhammad. Para os sunitas, o homem que tivesse bom conhecimento dos princípios do Islã deveria assumir o lugar do Profeta; para os xiitas, uma ligação por sangue deveria ser o principal definidor do

sucessor do Profeta Muhammad. A partir de então, sunitas e xiitas são reconhecidos como movimentações mais políticas do que religiosas e possuem suas próprias subdivisões (Idem).

A República Árabe Síria em si, vista como parte do mundo árabe-muçulmano, possui ramificações dentro do seu território. Sobrevivendo ao Império Turco-Otomano e a ocupação francesa no território, bem como a tentativa forçada de implementação do estilo vestifaliano de Estado-nação (ocidental) no Oriente Médio, a sociedade síria enfrentava impasses com o rei e líder Faisal I no que concerne o nacionalismo local - ou seja, apesar do nacionalismo estar presente na Síria com a aversão à ocupação do território, a sociedade não estava completamente a par dos ideais do seu governante (Vicenzi, 2006).

Após Faisal ser destituído do poder pela França em 1920, o Acordo de Sykes-Picot<sup>7</sup> foi implementado, dividindo a Síria com base nas crenças e vertentes de seus habitantes (Farhat, 2009).<sup>8</sup> Outro grupo componente da região conhecida como Síria, são os assírios; um povo semita nativo da Mesopotâmia, cuja origem é a caucasiana do Mediterrâneo, e possui uma identidade étnica distinta dos árabes e judeus, sendo seguidores do Ashurismo.<sup>9</sup> No século XX, foram vítimas de um genocídio em massa e perderam o controle de suas terras ancestrais<sup>10</sup>. Atualmente, a nação assíria está em uma encruzilhada: um terço dela está na diáspora, enquanto os outros dois terços vivem de forma precária em suas terras nativas (Betbasoo, 2015).

Com um histórico de dominação, como a ocorrida com o Império Turco-Otomano e a iniciada com a Conferência de Remo (1920), que se resumiu na partilha da África e do Oriente Médio entre britânicos e franceses após a primeira guerra mundial, a qual fragmentou a Síria em quatro Estados controlados pela França, e o golpe militar sobre o seu sistema parlamentar prejudicado em 1949, o resultado se deu com a dominação da Síria por diversos conflitos no território, antes e após sua independência em 1946.

O pan-arabismo ganhou força no fim da Primeira Guerra Mundial, quando a Conferência de Sanremo através do Acordo Sykes-Picot partilhou as terras do Oriente Médio, e busca, consoante ao nacionalismo árabe, a unidade étnica na região - dessa forma, sendo compreendido como parte do movimento nacionalista árabe. Seu objetivo é pautado na resistência às instituições europeias e ao domínio turco, da época (Silva, 2010). O Islã não está intrinsecamente ligado ao pan-arabismo ou ao nacionalismo árabe, mas faz parte da luta pela

<sup>7</sup> Acordo firmado secretamente, ainda em 1916, entre o Reino Unido e a República Francesa.

<sup>8</sup> Aleppo e Damasco no interior, com a maioria seguidora do islã sunita, Latakia, localizada no noroeste, sendo habitada por muçulmanos alauítas e Jabal Druze no sul, composta por drusos.

<sup>9</sup> Religião centrada no deus Ashur, associada à antiga religião assíria.

<sup>10</sup> A partir do genocídio turco dos assírios na Primeira Guerra Mundial, que resultou na morte de 75% dos assírios até 1918, eles começaram a se deslocar para o Ocidente. Hoje, há mais assírios vivendo no Ocidente do que em sua terra ancestral, e esse êxodo se acelerou consideravelmente no século XXI.

unificação da identidade árabe, sendo responsável, inclusive, pelo ensino e sobrevivência da língua árabe na região.

Já na década de 1950, a iniciativa do ex-líder egípcio Abdel Nasser para a criação da República Árabe Unida - RAU (1958 - 1961) é síncrona ao fortalecimento do nacionalismo árabe, e a Síria (independente desde a segunda metade da década de 1940), em conjunto com o Egito, forma inicialmente a RAU e propõe a nacionalização do Canal de Suez. O intuito era retomar o controle do desenvolvimento nacional, que pôde resultar na estatização de empresas estrangeiras, e, com a realização de acordos de cooperação entre a RAU e a União das Repúblicas Socialistas Soviéticas - URSS, Nasser se configurou como uma representação do movimento de política de massas para os povos árabes; o nasserismo foi uma importante ponte para a relação entre o socialismo e a cultura e história árabe (Buzetto, 2019).

Após o fim da RAU, o partido político Baath foi o responsável pela transformação política síria utilizando um golpe de estado, e a família Al-Assad, que chegou a governar a Síria antes e durante a Guerra Civil (desde os anos 1970), de vertente xiita, da ramificação alauíta, guiou, a partir de então, o país sob o falso pretexto do “anti-imperialismo”, enquanto dialogava com franceses e ingleses e instituiu um regime de repressão política (Brancoli, 2017). A falta de liberdade política e a postura violenta do governo, em especial o evento truculento contra pré-adolescentes sírios, que serviu como estopim para a onda de protestos que desencadeou a revolta contra a família Al-Assad, somado ao favorecimento da vertente do islã da qual a família Al-Assad fazia parte, bem como ao favorecimento da própria família (Cleveland e Bunton apud Lucena e Mesa, 2021). O clima de revolta e manifestação social, entretanto, circundava todo o Oriente Médio, por conta do fenômeno da Primavera Árabe em 2011 - protestos coletivos em países árabes que reivindicavam direitos fundamentais, liberdade de expressão e justiça contra a repressão de seus regimes (BBC News, 2011)<sup>11</sup>.

Dessa forma, a Guerra na Síria instaurou um sistema de disputa de poder composto por diversos atores e uma realidade difícil para os cidadãos no país. De um lado, os Al-Assad contra a abertura política e o partido Baath, do outro, a Resistência Síria<sup>12</sup>, que contava com o apoio da Arábia Saudita (governo de vertente sunita, de ramificação wahabita), da Turquia e do Estado Islâmico (movimento terrorista, que tomava o ideal do Califado sunita, do califado tradicional e islã tradicional wahabita). Se, por um lado, Rússia e China apoiaram Bashar Al-Assad, Estados Unidos e a União Europeia estavam do outro, opondo-se ao regime —

<sup>11</sup> Quando Bouazizi, um feirante na Tunísia que sofreu com violência policial e sem o auxílio do próprio governo para reaver seus instrumentos de trabalho, decidiu atear fogo a si mesmo como forma de protesto contra a repressão em seu país, acendeu uma fagulha de revolta no povo árabe, que se alastrou pela região do Oriente Médio e Norte da África.

<sup>12</sup> Mesclando o socialismo soviético e o nacionalismo árabe, o partido Baath se desenvolve a partir do contexto da Guerra Fria (Cleveland e Bunton, 2009).

dessa forma, havia o envolvimento de potências globais no conflito, especialmente ocidentais, que possuem seus próprios interesses econômicos e estratégicos na região.<sup>13</sup>

É nesse contexto de instabilidade econômica e política e de guerra, que cidadãos sírios e demais habitantes se encontram até hoje, resultando na imigração em massa para países vizinhos e para a Europa como resposta para a segurança da vida árabe. Há quase 12 anos, a Síria é considerada a maior crise de deslocamentos, com mais de 13 milhões de pessoas em fuga (ACNUR, 2022). Entretanto, a recepção encontrada nos locais de destino nem sempre é agradável.

É importante ressaltar que, assim como na Síria, os demais países da região do Oriente Médio e Norte da África lidavam com seus conflitos políticos, com a participação de grupos de cunho terrorista (jihadistas) que se comprometeram com os ideais fundamentalistas do Islã tradicional, como a Al-Qaeda, formada no Afeganistão por tribos árabes - traduzindo o Oriente Médio como um ponto de resistência do terrorismo, ao qual potências globais se responsabilizaram em combater (Moniz Bandeira, 2013). Pouco depois do ataque bem sucedido da Al-Qaeda aos Estados Unidos, em 11 de setembro de 2001, forças unidas do EUA, Reino Unido, Canadá e Austrália iniciaram sua investida contra o Afeganistão, iniciando o que ficou popularmente conhecida como Guerra ao Terror (Le Monde Diplomatique, 2021).

De acordo com Dutra (2009), a guerra contra o terrorismo era, para além disso, uma guerra de valores, acentuada especialmente pelos discursos do então presidente norte-americano George Bush, que o constituía como um ataque a liberdade e as oportunidades; há, assim, a construção narrativa de que os EUA seria, enquanto ator internacional difusor dos ideais de liberdade e valores superiores, um herói no combate ao terrorismo - e assim, seus aliados estariam no lado oposto do mal a ser combatido. Com a ajuda da mídia, o pensamento repleto de preconceitos e estereótipos para com os muçulmanos foi reforçado, em várias partes do mundo.

[a revista] Veja usa e abusa do discurso religioso. Entre as reportagens analisadas é nesta que a revista exacerba e funde de forma extremada seu preconceito contra o islamismo ao associar o terrorismo à religião. A questão aqui não é a etnia, ambos são caucasianos, é a religião. Um cristão, portanto, pacífico, a outra é islâmica [...] (BROTAS, 2006, p. 11)

Dessa forma, o termo Guerra ao Terror ganhou força e subjugou populações islâmicas ao preconceito e a intolerância religiosa ao associar o islã ao terrorismo islâmico,

---

<sup>13</sup> O Oriente Médio se torna interessante para as potências europeias, uma vez que desempenha um papel importante no fornecimento de petróleo e gás natural e se traduz como um ponto focal para o enfrentamento do terrorismo fundamentalista do Islã tradicional (MONIZ BANDEIRA, 2013).

propagado por grupos jihadistas - promotores da guerra santa -, como a Al-Qaeda, Estado Islâmico (ISIS) e o Talibã, perpetuando uma imagem errônea de fanatismo religioso instrínseco ao cidadão mulçumano.

### **2.3. A Identidade ucraniana**

Segundo Gontijo (2020), o espaço correspondente à atual Ucrânia nem sempre foi o lugar de uma nação unificada, devido à dominação de diferentes povos sobre o território. Neste contexto, do lado oeste da região havia uma predominância de indivíduos ligados à Europa Central, enquanto os do leste apresentavam forte presença e identificação com o leste europeu, mais precisamente a Rússia. Inclusive, da capital ucraniana, Kiev, é possível traçar a história russa, já que o lugar pode ser considerado a origem dessa nação antes de se locomover em direção às atuais Moscou e São Petersburgo (Carmona, 2022).

Devido ao seu passado histórico, as identidades russa e ucraniana sempre estiveram bastante interligadas, principalmente após o Império Russo ter incorporado o território ucraniano ao seu no final do século XVIII (CIA, 2023). Após a queda do Império Russo no século XX, pela Revolução de Fevereiro, a Ucrânia passou por um pequeno período de independência até ser anexada à União Soviética e ter seu domínio dividido com a Polônia (Carlan, 2022).

Entretanto, a Grande Fome que atingiu a Ucrânia durante o regime de Stalin no início da década de 1930 e o expurgo da elite intelectual da Ucrânia opositora à URSS alimentaram um sentimento russófono na região (Gontijo, 2020). Com a queda da União Soviética em 1991, foi realizado um referendo que resultou no reconhecimento da Ucrânia como um Estado independente (Carlan, 2022). Neste contexto, foi possível observar uma maior aproximação dos ucranianos com o Ocidente, representado pela União Europeia e pelos Estados Unidos, distanciando-se, conseqüentemente, das suas relações com Moscou.

Contudo, as eleições de 2004 deram vitória a Viktor Yanukovich, candidato que priorizava os interesses russos em vez da União Europeia; porém, teve sua eleição anulada, sendo substituído por Viktor Yushchenko e Yulia Tymoshenko, que buscavam estreitar os laços com a UE (Gontijo, 2020). Anos mais tarde, em 2010, Yanukovich volta à corrida presidencial e é eleito com grande apoio do leste ucraniano, habitado majoritariamente por russos e seus descendentes; seu mandato também foi caracterizado por uma concentração de poder e perseguição à oposição (Gontijo, 2020).

Com o descontentamento crescente por parte da população ucraniana do centro e do oeste do país, entre novembro de 2013 e fevereiro de 2014 eclodiu o Euromaidan, marcado por uma série de agitações sociais que lutavam pelo acordo de associação do país com a União Europeia (Carmona, 2022); tais manifestações resultaram na queda de Yanukovich. Neste sentido, temendo a perda da sua influência na região, a Rússia invadiu militarmente o leste ucraniano e anexou a península da Crimeia, com população de maioria russa e ponto estratégico para a geopolítica da região.

Dessa forma, é possível perceber que a questão de identidade na Ucrânia é um grande fator para entender o conflito que ocorre atualmente na região:

Observe-se que a Ucrânia é um país de frágil identidade nacional. Grosso modo, a margem oeste do Rio Dnieper sempre sofreu forte influência europeia; a própria cidade de Lviv, a maior na porção mais ocidental do país, em tempos mais remotos era parte do império austro-húngaro. Por outro lado, a parte a Leste do Dnieper e o Sul da Ucrânia têm uma identidade russa bastante acentuada. A província da Crimeia, aliás, sede da esquadra russa do Mar Negro, foi uma concessão do ucraniano Nikita Kruchoy, quando liderou a União Soviética, à então República Soviética da Ucrânia, um fato nunca bem aceito pelos russos em função da posição geoestratégica fundamental daquela região para Moscou.

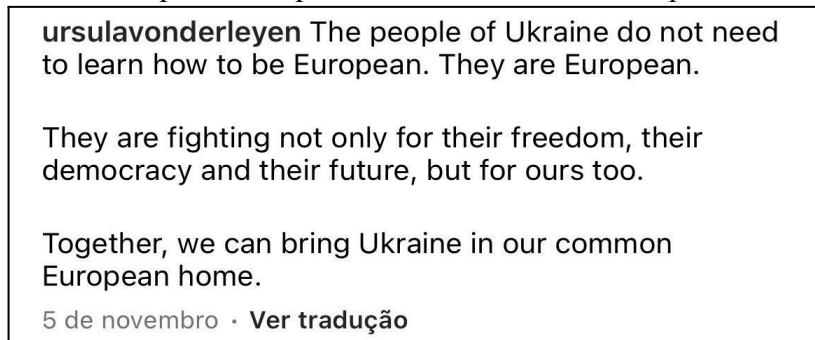
A atual guerra na Ucrânia, portanto, se origina de uma combinação de fatores, que vão da cosmovisão nacional russa a respeito do que representa esse país para sua própria nacionalidade, combinada com a expansão contínua da OTAN à esfera de influência da Rússia, cuja “linha vermelha”, na argumentação de Moscou, foi a ameaça da incorporação à instituição militar norte-atlântica. (Carmona, 2022, p. 92)

Em 24 de fevereiro de 2022, em um contexto de crises relacionadas às regiões de Donetsk e Luhansk, de maioria russa e favorável a Moscou, a Rússia invade a Ucrânia, gerando uma guerra ainda em curso que já resultou em um número de quase 8 milhões de ucranianos que buscaram refúgio principalmente em países da Europa Ocidental (ACNUR, 2023). Países europeus, assim como outros do mundo ocidental, condenaram veementemente a invasão russa e se prontificaram a fornecer todo o apoio necessário à Ucrânia durante a guerra, seja político, humanitário, social, econômico e militar (Consilium, 2022). Essa pronta resposta justifica-se pelo seguinte fator: os europeus identificam-se e comovem-se com os ucranianos.

Contudo, é importante ressaltar que essa identificação nem sempre existiu. Durante a Guerra Fria, a divisão do mundo em um sistema internacional bipolar, marcado principalmente pela disputa ideológica entre Estados Unidos, capitalista, e União Soviética, socialista, levou a Europa Ocidental a alinhar-se com o primeiro, enquanto o Leste Europeu ficou sob a esfera de influência soviética. As diferenças geopolíticas e culturais, bem como as diferenças do desenvolvimento econômico, levaram à formação de uma “europeidade” no Ocidente e em uma hierarquização dos europeus, na qual os pertencentes ao leste são colocados em posição de inferioridade e vítimas de preconceito (Zorko; Debnár, 2021).

Neste sentido, com o fim da Guerra Fria, a dissolução da União Soviética e o empenho da União Europeia em atrair países outrora soviéticos para a sua zona de influência — como a integração da Polônia, da Romênia, dos países bálticos, dentre outros, ao bloco, somada às candidaturas de países como a Albânia e a Ucrânia —, observa-se a busca pela mudança de discurso e reformulação da identidade europeia, de modo a englobar os países do Leste Europeu e os desvincular da Rússia. A presidente da Comissão Europeia, Ursula von der Leyen, tem feito esforços para atingir esse objetivo; inclusive, recentemente, no contexto de guerra na Ucrânia, von der Leyen publicou um vídeo em que, na legenda, afirma que os ucranianos “não precisam aprender sobre como ser europeus”, pois “eles já são europeus”, e que a luta ucraniana é também uma luta europeia (Figura 1)

**Figura 1.** Legenda publicada por von der Leyen na sua página do Instagram e compartilhada pela conta da Comissão Europeia.



Fonte: conta oficial de Ursula von der Leyen no Instagram<sup>14</sup>.

Assim, percebe-se como a construção de uma nova identidade europeia é um fator crucial para entender as políticas de acolhimento direcionadas aos refugiados ucranianos.

### 3. O ORIENTALISMO E A COMOÇÃO SELETIVA

A partir das conjunturas apresentadas anteriormente e do conceito de identidade e branquitude, é possível observar que, ainda que sírios e ucranianos encontrem-se em condições semelhantes — ambos são refugiados de guerra —, o tratamento que lhes é dado nos países europeus não é igual. Para os refugiados ucranianos, há comoção; para os refugiados sírios, há desprezo.

Tal diferença pode ser explicada por meio do Orientalismo, cujo principal expoente é o autor palestino Edward Said com a sua obra “Orientalismo: o Oriente como invenção do Ocidente”, de 1978. No livro, o autor busca entender de que maneira ocorre as relações do Ocidente para com o Oriente, instituindo uma relação de dominação presente até

<sup>14</sup> Disponível em: <<https://www.instagram.com/reel/CzRBWGSobdw/?igshid=MzRIODBiNWFIZA==>>. Acesso em 09 de novembro de 2023.

os dias atuais (Batalha, 2017). Além disso, Said busca demonstrar como o Oriente moldou a imagem da Europa por meio do contraste estabelecido pelos europeus (Guimarães, 2021).

Segundo Said (2007), dentre as variadas concepções acerca do Orientalismo, o seu significado mais abrangente diz respeito à distinção epistemológica e ontológica estabelecida na tradição acadêmica entre o Oriente e o Ocidente. Do final do século XVIII em diante, Said acredita que o Orientalismo pode ser compreendido como uma instituição autorizada a falar sobre o Oriente e que produz uma série de pensamentos, afirmações, descrições e outros, que serão utilizadas pelo Ocidente para exercer e justificar seu domínio sobre seu oposto, marcando uma relação de poder que permeia até hoje o imaginário europeu.

Desta forma, a visão europeia sobre sua própria identidade foi construída a partir da ideia de que a Europa apresentava uma superioridade racial e cultural sobre todos os não-europeus (Said, 2007). Desse pressuposto criou-se uma visão padronizada e estereotipada do Oriente, que observa tais orientais como seres “selvagens”, “irracionais”, “depravados” e “diferentes”, em contraposição ao europeu “racional”, “virtuoso”, “maduro” e “normal” (Said, 2007, p. 64). Desse modo, a questão da raça é um dos elementos centrais das teorias pós-colonialistas, considerando que essa foi utilizada para justificar o domínio dos europeus sobre outros povos e que, mesmo após o colonialismo, permanece presente no imaginário europeu da atualidade (Guimarães, 2021), nas suas diferentes expressões.

Tal imaginário pode ser observado no tratamento dado aos refugiados sírios na Europa. Embora a União Europeia tenha tentado realizar esforços para conter a crise migratória que se instaurou na primeira metade da década de 2010, por meio da criação de agendas e estratégias que garantissem a proteção da vida e dignidade dos refugiados, da securitização das fronteiras europeias e da redução da imigração irregular (Lopes, 2015), a extrema-direita europeia aproveitou-se da crise para inflamar discursos de ódio e aversão aos refugiados que escapavam das instabilidades sociopolíticas de seus países. Dessa forma, países como Itália, Grécia e Reino Unido, até então membro da UE, apresentaram o crescimento da força política desse espectro ideológico, notadamente marcado pelo sentimento anti-imigração (BBC, 2021).

Neste contexto, volta a emergir na Europa a ideia de “nós” (europeus) contra “eles” (não-europeus), na qual

a contínua incapacidade, ou, melhor dizendo, falta de vontade de confrontar, muito menos superar a evidente branquitude subjacente à auto-imagem da Europa tem consequências bastante drásticas para os migrantes e comunidades minoritárias rotineiramente ignorados, marginalizados e definidos como uma ameaça à mesma Europa da qual fazem parte, a sua presença geralmente apenas reconhecida como um

sinal de crise e novamente esquecida na construção em curso de uma nova identidade europeia. (El-Tayeb, 2011, p. xxv, apud Himmel; Baptista, 2020, p. 181)

Assim, nota-se que a chegada de pessoas de identidades e etnias diferentes é vista como uma ameaça para a própria identidade europeia. Himmel e Baptista destacam os discursos identitários europeus em relação ao “outro”, refugiado, em que há a constante reafirmação de que “nós não somos muçulmanos”, em contraposição à ideia da Europa cristã, e a seletividade de quem é bem-vindo e quem não é no continente. Esses discursos e seletividades convergem com as afirmações de Said, em que o “outro” — o refugiado de um país oriental, não-branco e não-cristão — é visto como inferior e colocado em uma posição que o reprime e desumaniza (Said, 2007).

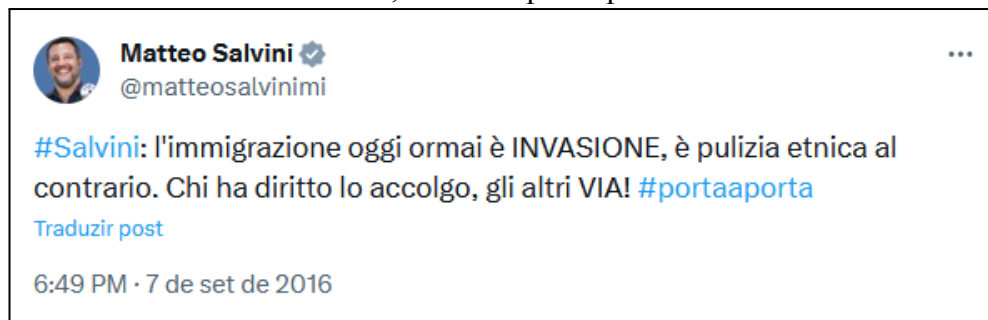
#### **4. A ITÁLIA NO CONTEXTO DE ACOLHIMENTO DE REFUGIADOS SÍRIOS E UCRANIANOS**

No século XXI, com a crescente islamofobia no mundo, impulsionada especialmente pela Guerra ao Terror, as instabilidades políticas, sociais e econômicas no Oriente Médio e na África, que remontam aos tempos do imperialismo europeu e levam a milhões de pessoas a se refugiarem em outros países, o reforço das mídias na perpetuação de estereótipos orientalistas e racistas, dentre outros, criou-se na Itália um terreno fértil para o crescimento da extrema-direita e seus discursos. Quando a crise migratória da década de 2010 iniciou, figuras como Matteo Salvini, do então partido Liga Norte (*Lega Nord*, hoje *Lega*) e, à época, deputado italiano do Parlamento Europeu, e Giorgia Meloni, presidente do Irmãos de Itália (*Fratelli d'Italia*) passaram a liderar movimentos contra o acolhimento desses refugiados. Devido ao seu posicionamento geográfico, o país figura entre as principais portas de entrada à Europa Ocidental pelo Mar Mediterrâneo (ACNUR, 2015). Neste sentido, em 2013, o governo italiano lançou a Operação Mare Nostrum, cujo principal objetivo era resgatar migrantes e requerentes de asilo, majoritariamente sírios, que estivessem em embarcações com destino à Itália e a outros países europeus (Nannerini, 2023).

Tal operação gerou reações variadas na sociedade italiana, dividindo-a entre aqueles que a apoiavam e aqueles que exigiam seu fim. Em abril de 2014, Salvini publicou em suas redes sociais um pedido para que cessassem os resgates e, mais tarde, declarou à agência de notícias ANSA que apresentaria uma proposta para interromper a operação, sob as justificativas de que os italianos estariam financiando contrabandistas e a invasão de sua costa (ANSA, 2014). Tal declaração foi acompanhada por uma similar de Meloni, que considerou a Mare Nostrum como uma “idiotice” e afirmou que o dinheiro utilizado para a operação deveria ser realocado para as forças de defesa italianas (Fratelli d'Italia, 2014).

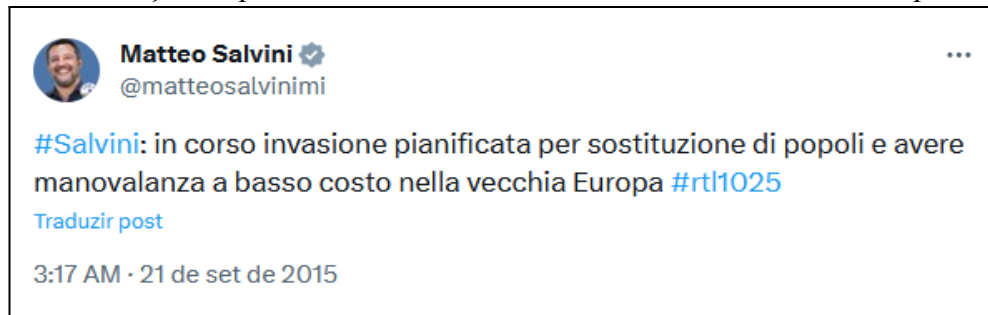
O uso da comunicação digital foi um dos principais recursos adotados por Salvini, e pela extrema-direita no geral, para aumentar sua popularidade e conquistar eleitores, a partir da construção de discursos nacionalistas e excludentes a imigrantes e refugiados (Guazina, 2011), sob a ideia de “nós contra eles”. Além disso, em diversas ocasiões Salvini afirmou que o país estava sofrendo uma invasão (Figura 2), que acarretaria em uma “limpeza étnica inversa” e substituição dos italianos (Figura 3), e constantemente se utiliza de ataques terroristas de fundamentalistas islâmicos para gerar medo entre seus eleitores<sup>15</sup>.

**Figura 2.** Em seu perfil do X (antigo Twitter), escreveu: “a imigração hoje é agora INVASÃO, é limpeza étnica ao contrário. Acolho quem tiver direito, os outros, FORA! #portaaporta”.



Fonte: perfil oficial de Salvini no X.<sup>16</sup>

**Figura 3.** Salvini escreveu: “[está] em curso uma invasão planejada para a substituição de povos e ter mão-de-obra a baixo custo na velha Europa”.



Fonte: perfil oficial de Salvini no X<sup>17</sup>.

A instrumentalização das redes sociais para propagar discursos de ódio e medo, entretanto, não é uma novidade. Na obra de Said mencionada anteriormente, o autor já alertava sobre como a mídia era utilizada para estereotipar, oprimir, desumanizar e demonizar árabes e

<sup>15</sup> Ao pesquisar pelos termos “islamicici” e “musulmani” na barra de buscas de seu perfil no X, é possível encontrar diversas publicações em que Salvini busca vilanizar o islã e apresentá-lo como uma ameaça ao cristianismo e à sociedade europeia.

<sup>16</sup> Disponível em:

<<https://twitter.com/matteosalvinimi/status/773639404523032576?s=46&t=tOJLR17OE7QmaBTWPzQJqQ>>.

Acesso em 11 de novembro de 2023.

<sup>17</sup> Disponível em:

<<https://twitter.com/matteosalvinimi/status/645844373637328896?s=46&t=tOJLR17OE7QmaBTWPzQJqQ>>.

Acesso em 11 de novembro de 2023.

muçulmanos no Ocidente (p. 50-51) e sobre como a imprensa e a mentalidade ocidentais retratam os árabes como violentos e terroristas (p. 419) — exatamente como Salvini busca fazer.

À medida que os anos passavam, a coalizão de direita formada pela Liga Norte e pelos Irmãos de Itália, junto com outros partidos, ganhavam mais destaque na política nacional, com forte discurso anti-imigração e o anti-islã — em 2016, 69% dos italianos tinham uma opinião desfavorável sobre muçulmanos (Mazzonis, 2019). Em junho de 2018, durante o primeiro governo de Giuseppe Conti, de centro-direita, Salvini foi nomeado Ministro do Interior e estabeleceu como uma das prioridades a questão migratória, expressando sua posição contrária. Poucos dias depois, pôs seus planos em prática: impediu que uma embarcação contendo 629 refugiados que passavam pela Líbia atracasse nos portos italianos, afirmando que a partir daquele dia a Itália passaria a dizer ‘não’ [ao acolhimento de refugiados] (Albanese; Grignetti; Lombardo, 2018).

Meloni também sempre buscou ressaltar sua posição. Em 2019, durante uma entrevista à *Radio Cusano Campus*, afirmou que há um plano para desestruturar a sociedade e cultura italiana por meio dos imigrantes — inclusive, no que diz respeito à questão de identidade, disse que a Itália deveria acolher os refugiados venezuelanos, haja vista que muitos são descendentes de italianos e outros europeus e também são cristãos; assim, devido à sua identidade, não promoveriam uma destruição da identidade italiana (Cangemi, 2019). Neste sentido, é possível observar que tal aversão a imigrantes e refugiados na sociedade italiana — e também europeia —, na verdade, é relativa: acolhe-se o branco, o cristão, o que se aproxima do imaginário da identificação europeia, e rejeita-se aquele que não se enquadra nesse modelo.

Essa questão ficou ainda mais evidente quando a Rússia invadiu a Ucrânia em fevereiro de 2022 e levou milhões de ucranianos a buscarem refúgio em outros países. Um dia após o início da guerra, Salvini declarou que os italianos devem acolher os ucranianos, pois estes são “verdadeiros refugiados” (La Repubblica, 2022). Ressaltou ainda que a Itália estaria de portas abertas para recebê-los e que contava com um enorme espaço para tal, e que, se pudesse, ele mesmo iria pessoalmente resgatar milhares e milhares de pessoas, sem um limite numérico (TODAY Attualità, 2022). Meloni acompanhou seu discurso, dizendo que a Itália deveria “reconhecer o *status* de refugiado a quem realmente foge de guerra”, “repatriar quem não é refugiado”, “acolher uma comunidade que possui muitas pessoas integradas na Itália” e que os ucranianos são “trabalhadores honestos” (Taormina, 2022).

De acordo com Abdo (2022), na Europa a condição dos refugiados ucranianos é tratada com muito mais humanidade do que a de refugiados sírios e de outros países do Oriente Médio e da África, e os países europeus não medem esforços nem dinheiros para ajudá-los. Ao trazer exemplos de coberturas jornalísticas sobre a guerra na Ucrânia, o autor constata que os europeus solidarizam-se com os ucranianos porque estes são vistos como europeus, não pertencem ao “Terceiro Mundo”, como dito por uma jornalista britânica.

Tais declarações revelam uma outra face da mídia e da sociedade europeia: a comoção seletiva, que expressa uma reação mais emotiva e indignada às tragédias e aos conflitos que ocorrem em países ricos e desenvolvidos, enquanto não há a mesma revolta e tristeza quando acontecem em países mais pobres e menos desenvolvidos (Fadel; Rodrigues, 2023). As declarações de Salvini e Meloni, ao dizerem que os ucranianos são “verdadeiros refugiados”, enquanto aos sírios e pessoas de outras nacionalidades e etnias lhes são rejeitados ou dificultados os pedidos de refúgio, corroboram a conceituação apresentada pelos autores.

Neste sentido, é possível afirmar que essa identificação se dá devido à mudança no discurso de identidade europeia, promovida pela União Europeia: os ucranianos, outrora vistos como inferiores pela branquitude da Europa Ocidental, hoje são bem-quistos e “preferíveis” em contraposição aos sírios e outros refugiados. Sua identidade agora está de acordo com o imaginário europeu de superioridade racial apresentado por Said, Du Bois e Grosfoguel, sendo portanto, considerados virtuosos e racionais, e isso é reforçado por políticos como Meloni e Salvini, que não os veem como uma ameaça à sociedade a qual pertencem nem à sua identidade, diferentemente de outros refugiados, embora se encontrem em condições vulneráveis por também estarem escapando das guerras em seus respectivos países.

Além disso, na Itália, houve uma rápida mobilização por parte do governo para acolher os refugiados ucranianos. O Ministério das Relações Exteriores e de Cooperação Internacional logo condenou a invasão russa e o país prontamente apoiou um pedido para que se realizassem com urgência debates acerca da situação dos direitos humanos na Ucrânia, além de ter sido um dos primeiros apoiadores da resolução do Conselho de Direitos Humanos que se propôs a investigar todos os supostos abusos e violações dos direitos humanos por parte da Rússia na Ucrânia. Ainda, o Ministério se encarregaria de coordenar grupos que trabalham em prol do acolhimento de refugiados ucranianos, visando, também, aumentar o número de pessoas acolhidas pelo governo, promovendo a integração dos ucranianos na sociedade italiana, dentre outros benefícios.

No mesmo ano, Meloni finalmente chega ao poder, tornando-se a primeira mulher a ocupar o cargo de Primeira-Ministra da Itália em outubro e tendo Salvini como seu vice. Ambos continuam apostando no endurecimento das políticas migratórias e de defesa nacional, conforme Meloni ressaltou em seu discurso de posse<sup>18</sup>, mas sempre demonstrando seu apoio à causa ucraniana e ao acolhimento dos refugiados desse país em detrimento de outros, como os sírios.

## **5. A IDENTIDADE COMO FATOR DE INFLUÊNCIA NO TRATAMENTO DE REFUGIADOS DE GUERRA**

A Crise Migratória de 2015 foi um evento notável, marcado pelo significativo êxodo dos sírios de sua pátria devido à eclosão da guerra civil após a Primavera Árabe na Síria. Essa crise expôs a debilidade do sistema europeu de recepção e amparo aos refugiados. Doze anos após esse acontecimento, o conflito na Ucrânia desencadeou uma nova onda de refugiados na Europa, gerando uma reação praticamente instantânea diante da crise.

Considerando a diferença de tratamento dada aos refugiados sírios em comparação àquele dado aos ucranianos na Itália - país que, em primeiro momento, recebeu um grande fluxo dos primeiros e possui uma comunidade expressiva desses últimos -, surge o questionamento sobre os elementos que causam a disparidade no acolhimento entre sírios e ucranianos nesse país. Ambos os grupos compartilham a condição de refugiados, buscando escapar dos perigos inerentes aos conflitos que assolam seus territórios; a diferença significativa encontrada está na origem distinta desses dois grupos, tendo em conta suas identidades, culturas, suas etnias e como são vistos sob o conceito sociológico de raça.

Ao analisar separadamente a identidade e a raça dos sírios e ucranianos, bem como os contextos de ambas as guerras, é possível validar, por meio de conceitos como o Orientalismo de Edward Said e a Pós-Colonialidade de Walter Dignolo, o argumento de que o racismo estrutural influencia nas relações sociais e, conseqüentemente, no tratamento direcionado a refugiados de guerra. Com Said e o Orientalismo, é notável como a perspectiva europeia ocidental em relação ao Oriente Médio molda o tratamento dado aos sírios na Itália. Essa visão é construída em torno do conceito do "outro", considerado diferente tanto cultural quanto fenotipicamente, sendo frequentemente percebido como uma possível ameaça — ao contrário do acolhimento dado aos ucranianos, cujas identidades, culturas e etnia são vistas como agregadoras à sociedade europeia. Com Dignolo, percebe-se o racismo como parte inseparável

---

<sup>18</sup> Transcrição na íntegra feita pelo jornal La Repubblica. Disponível em: <[https://www.repubblica.it/politica/2022/10/25/news/discorso\\_integrale\\_meloni\\_camera\\_fiducia-371646980/](https://www.repubblica.it/politica/2022/10/25/news/discorso_integrale_meloni_camera_fiducia-371646980/)>. Acesso em 22 de novembro de 2023.

do modelo capitalista, o qual teve seu desenvolvimento no ocidente e, primordialmente, com as relações comerciais da Europa na bacia do Atlântico.

Ao responder ao problema de investigação do artigo, ou seja, “de que forma se estabelece a diferença de tratamento na recepção de refugiados de guerra sírios e ucranianos na Itália”, analisamos a recepção desses refugiados com base nos discursos e ações do governo italiano e de políticos da extrema-direita ao longo dos anos frente a chegada e estadia de diferentes grupos étnicos na região. Com isso, observa-se que a questão de identidade, constituída pela origem, etnia, cultura, religiosidade, dentre outros elementos, é o principal fator que explica a diferença de tratamento e acolhimento de refugiados. Os sírios, sendo de um país do Oriente Médio, de maioria árabe e muçulmana, são vistos como uma ameaça à sociedade e à identidade italiana e europeia e retratados como terroristas, enquanto os ucranianos são considerados “verdadeiros refugiados”, trabalhadores e que contribuirão com o país no qual se abrigam, recebendo, inclusive, um rápido e forte apoio que promova a sua inclusão na sociedade.

## **6. CONCLUSÃO**

Buscando compreender o motivo pelo qual há diferença de tratamento entre refugiados de guerra sírios e ucranianos na Itália, este artigo analisou em quatro sessões as identidades nacionais dos respectivos atores envolvidos (ucranianos, sírios e italianos) e o crescente movimento da extrema-direita no local foco do objeto de pesquisa, a Itália, a fim de alcançar seu objetivo.

Na segunda seção “Identidade, raça e etnia em perspectiva”, aborda-se a teoria construtivista das Relações Internacionais para discorrer sobre a importância das identidades na formulação de ações políticas e as influências mútuas entre agentes e estruturas, ambas construídas através das relações sociais. Além disso, utilizou-se Stuart Hall para abordar o conceito de identidades nacionais como aspectos formados a partir de representações culturais, de forma a entender como as identidades são estabelecidas entre os povos. Os autores Aníbal Quijano e Walter D. Mignolo foram trazidos para discutir a ideia de raça como uma construção ideológica do capitalismo moderno e eurocêntrico, que sobrevive até os dias de hoje através do racismo cultural e religioso, o qual é compreendido como uma herança da estrutura imperial e colonial - ideia esta também abordada por W.E.B. Du Bois e a teoria da Linha de Cor, a qual foi elucidada brevemente nesta segunda seção.

No subtópico “A Identidade italiana”, tratou-se da construção histórica da identidade nacional italiana, consoante a consolidação do seu Estado-nação, os quais foram pautados na imagem do “bom italiano” branco e católico, e a defesa desta imagem, que justificou a tomada

e colonização de outros territórios - fenômenos estes que sofreram um processo de apagamento da memória dos cidadãos italianos, como manobra de governos, resultando na ignorância e no silenciamento nas suas atuais relações com os povos colonizados.

Em sequência, o segundo subtópico intitulado “A Identidade síria” aborda a construção da identidade árabe-síria, cujos principais aspectos constitutivos são: a religião Islã, responsável pela expansão árabe pelo Oriente Médio e pela Península Ibérica; o fortalecimento do movimento nacionalista árabe como resposta ao histórico de dominação e colonização imposto ao Oriente Médio, o qual foi traduzido em movimentos políticos e sociais, tais como a criação da República Árabe Unida e a Primavera Árabe. Além disso, foi abordada a visão ocidental sobre o oriente, em especial ao contexto da Primavera Árabe, a Guerra Civil da Síria e o ataque às Torres Gêmeas, que serviram de pretexto para a criação de um curso sobre o oriente instável politicamente, com povos não-civilizados e foco de resistência do terrorismo.

Por fim, no subtópico “A Identidade ucraniana”, explora-se a dominação de diferentes povos sobre o espaço onde a Ucrânia está localizada, cuja nação sofre influências tanto da Europa Central e do leste europeu, como da Rússia - ainda que, atualmente, haja grande distanciamento entre Ucrânia e Rússia e maior proximidade com o ocidente e a União Europeia. Igualmente, aborda-se a anexação da Ucrânia à União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), que impactou na sua posição na hierarquia europeia (onde prevalecia sempre o ocidente) durante a Guerra Fria e impacta na disputa da cosmovisão da identidade nacional ucraniana entre russos e ucranianos nos dias de hoje, bem como abordou-se a posterior invasão da Ucrânia pela Rússia, em 2022.

Na terceira seção “O Orientalismo e a Cosmovisão”, procurou-se compreender a maneira como as relações entre Ocidente e Oriente ocorrem, com foco nas produções teóricas de Edward Said, e como a visão europeia sobre sua própria identidade foi construída a partir da ideia de que a Europa apresentava uma superioridade racial e cultural sobre os demais povos. Destarte, observou-se como este imaginário de raça implicou no tratamento dado aos refugiados sírios na Europa, que passaram a carregar a identificação “eles” em comparação ao “nós” dos europeus e cuja chegada ao continente é vista como uma ameaça para a própria identidade europeia, ou seja, ocupando uma posição que os reprime e desumaniza.

Na quarta e última seção, “A Itália no contexto de acolhimento de refugiados sírios e ucranianos”, tratou-se do atual contexto europeu no que concerne a percepção de refugiados em seu território, posicionamento construído através das instabilidades políticas, sociais e econômicas no Oriente Médio e na África ocasionadas pelo sistema imperial europeu, pelo início da Guerra ao Terror e o reforço das mídias na perpetuação de estereótipos orientalistas e racistas, constituindo, assim, a islamofobia. Outrossim, trata-se do crescimento de movimentos

políticos de extrema-direita na Itália, do regime orientado por Matteo Salvini e Giorgia Meloni, que tratam da migração como uma ameaça à soberania nacional italiana e utilizam de espaços virtuais para propagar seus discursos excludentes a imigrantes e refugiados, a partir de ideais nacionalistas.

Dessa forma, torna-se perceptível o papel da ideia eurocêntrica de raça quanto um aspecto que constrói as identidades nacionais analisadas neste artigo e seu impacto no que tange a formulação de políticas de acolhimento a refugiados. É imperativo ressaltar que a forma como se trata o “outro” é resultado da imagem criada por um agente em contraste à própria identidade, o que influencia nas relações humanas e políticas. Diante do exposto, revela-se a face ativa do racismo estrutural no sistema capitalista global, que estimula os atritos entre povos culturalmente distintos, tendo como principal exemplo a diferença no tratamento e acolhimento entre refugiados de guerra sírios e ucranianos na Itália.

## REFERÊNCIAS

ABDO, Cláudio. Europa, mídia e a guerra na Ucrânia: “nossos refugiados são melhores que os outros”. **Revista Extraprensa**, [S. l.], v. 15, n. 2, p. 230-248, 2022. DOI: 10.11606/extraprensa.2022.200144. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/extraprensa/article/view/200144>. Acesso em: 24 de novembro de 2023.

ALBANESE, Fabio; GRIGNETTI, Francesco; LOMBARDO, Ilario. Migranti, l'Italia sfida Malta. Salvini: chiudiamo i porti. *La Stampa*, 2018. Disponível em: <https://www.lastampa.it/cronaca/2018/06/11/news/migranti-l-italia-sfida-malta-salvini-chiudiamo-i-porti-1.35907153/>. Acesso em: 12 de novembro de 2023.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS. Onze anos depois, a Síria continua sendo a maior crise de deslocamento forçado do mundo, 15 de março de 2022. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2022/03/15/onze-anos-depois-a-siria-continua-sendo-a-maior-crise-de-deslocamento-forcado-do-mundo/>. Acesso em: 23 de novembro de 2023.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS. Refugiados. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/quem-ajudamos/refugiados/>. Acesso em: 25 de outubro de 2023.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS. “Refugiados” e “Migrantes”: Perguntas Frequentes, 2016. Disponível em: <https://www.acnur.org/portugues/2016/03/22/refugiados-e-migrantes-perguntas-frequentes/>. Acesso em: 25 de outubro de 2023.

ALTO COMISSARIADO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA OS REFUGIADOS. The sea route to Europe: The Mediterranean passage in the age of refugees, 2015. Disponível em: <https://www.unhcr.org/media/sea-route-europe-mediterranean-passage-age-refugees>. Acesso em: 25 de outubro de 2023.

BATALHA, E. S. . O Orientalismo, ou a Afirmação do Discurso Hegemônico do Ocidente. **Revista Argumentos**, v. 14, p. 177-198, 2017. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/argumentos/article/view/1126/1160>. Acesso em: 25 de outubro de 2023.

BETBASOO, Peter. A Brief History of Assyria. AINDA NEWS – Assyrian International News Agency. 2015. Disponível em: <http://www.aina.org/brief.html>. Acesso em: 14 de dezembro de 2023.

BRANCOLI, Fernando Luz. Síria e narrativas de guerra por procuração: o caso dos curdos. Revista da Escola de Guerra Naval, [s.l.], v. 23, n. 3, p. 589-617, set 2017. Tikinet Edição Ltda. – EPP. <http://dx.doi.org/10.22491/1809-3191.v23n3.p.589-617>.

BROTAS, Antônio M. P. Terrorismo Contemporâneo: Fundamentalismo religioso e loucura no discurso da revista Veja. Intercom - Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação. XXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, Universidade de Brasília, 2006. Disponível em: <http://www.intercom.org.br/papers/nacionais/2006/resumos/R0456-3.pdf>. Acesso em 14 de dezembro de 2023.

BUZETTO, M. A batalha da Síria e a nova geopolítica do Oriente Médio. **Revista Novos Rumos**, [S. l.], v. 56, n. 1, 2019. DOI: 10.36311/0102-5864.2019.v56n1.10.p129. Disponível em: Acesso em: 9 de novembro de 2023.

CANGEMI, Annalisa. Giorgia Meloni: “C’è un piano per destrutturare la nostra società attraverso i migranti”. Fanpage.it., 2019. Disponibile em: <https://www.fanpage.it/politica/giorgia-meloni-ce-un-piano-per-destrutturare-la-nostra-societa-attraverso-i-migranti/>. Acesso em: 12 de novembro de 2023.

CARLAN, Cláudio U. Rússia e Ucrânia, uma crise e uma História. Unifal-MG, Alfenas, p. 1 - 1, 24 fev. 2022. Disponível em: <https://www.unifal-mg.edu.br/portal/2022/02/24/russia-e-ucrania-uma-crise-e-uma-historia/>. Acesso em: 29 de outubro de 2023.

CARMONA, Ronaldo G. 2022. “A guerra na Ucrânia: uma análise geopolítica”. *CEBRI-Revista* Ano 1, Número 3 (Jul-Set): 88-111. Disponível em: <https://cebri.org/revista/br/artigo/46/a-guerra-na-ucrania-uma-analise-geopolitica>. Acesso em: 29 de outubro de 2023.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY (CIA). The World Factbook: Syria, 2023. Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/syria/#people-and-society>. Acesso em: 24 de novembro de 2023.

CENTRAL INTELLIGENCE AGENCY (CIA). The World Factbook: Ukraine, 2023. Disponível em: <https://www.cia.gov/the-world-factbook/countries/ukraine/#people-and-society>. Acesso em: 24 de novembro de 2023.

CERVO, A. L. ; SARAIVA, J. F. S. ; DÖPCKE, Wolfgang . História das Relações Internacionais Contemporâneas: da sociedade internacional do século XIX à era da globalização. 2. ed. São Paulo: Saraiva, 2007. v. 1. 347p .

DU BOIS, W. E. B. The Souls of Black Folk. New York: Dover Publications, 1994.

DUTRA, W.Z. Guerra ao Terror: a (des) construção de uma resposta estratégica de combate ao terrorismo. **Revista Estudos Políticos**, vol. 6, nº 1. Rio de Janeiro. 2009. Disponível em: Acesso em: 22 de novembro de 2023.

FADEL, Anna Laura M.; RODRIGUES, Yago de S.. O ORIENTALISMO DE EDWARD SAID COMO FERRAMENTA DE COMPREENSÃO DAS RAÍZES DA COMOÇÃO SELETIVA CONTEMPORÂNEA. **Revista Jurídica** (FURB), [S.l.], v. 26, p. e 9903, maio de 2023. ISSN 1982-4858. Disponível em: <<https://bu.furb.br/ojs/index.php/juridica/article/view/9903>>. Acesso em: 04 de dezembro de 2023.

GARDNER, Frank. **O homem que 'acendeu' a fagulha da Primavera Árabe**. BBC News. 2011. Disponível em: Acesso em 17 de novembro de 2023.

FARHAT, José. REFLEXÕES SOBRE O MUNDO ÁRABE CONTEMPORÂNEO: UMA BREVE HISTÓRIA DA SÍRIA E LÍBANO. Curso: Reflexões sobre o Mundo Árabe Contemporâneo. Curitiba. Março de 2009. Acesso em: 14 de dezembro de 2023.

FROTA, Sílvia V.. **A palavra como alicerce da nação**: A afirmação e valorização da língua na construção discursiva da identidade eslovena. Dissertação (Mestrado em Cultura e Comunicação) - Universidade

de Lisboa, Lisboa, p. 9-21, 2021. Disponível em: <https://repositorio.ul.pt/handle/10451/6814>. Acesso em: 28 de outubro de 2023.

GIL, Antonio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. – São Paulo : Atlas, 2008

GONTIJO, Fabiano. Nação, simbolismo e revolução na Ucrânia: experiência etnográfica tensa nada liminaridade. **Revista de Antropologia**, v. 63, n. 3, p. e 178853, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ra/a/4LKYYKcFLGjSRFhcJcPdGmwd/#>. Acesso em: 27 de outubro de 2023.

GROSGOUEL, Ramón; MIELANTS, Eric. The Long-Durée Entanglement Between Islamophobia and Racism in the Modern/Colonial Capitalist/Patriarchal World-System: An Introduction. *Human Architecture: Journal of the Sociology of Self-Knowledge*, vol. 1, 2006. Disponível em: <https://www.researchgate.net/publication/254693798>. Acesso em: 14 de dezembro de 2023.

GUAZINA, Liziane . Populismos de direita e autoritarismos: apontamentos teóricos para estudos sobre a comunicação populista. **MEDIAPOLIS** , v. 12, p. 49-65, 2021. Disponível em: <https://impactum-journals.uc.pt/mediapolis/article/view/8388/7172>. Acesso em: 24 de novembro de 2023.

GUIMARÃES, Feliciano de Sá. Teoria das Relações Internacionais. São Paulo: Contexto, 2021.

HALL, Stuart. Culture, Community, Nation. In: *Representing the Nation: A Reader*. Edited by David Boswell and Jessica Evans. London & New York: The Open University Press, 1999,. p. 361. DOI: <https://doi.org/10.1080/09502389300490251>

HALL, Stuart. A Identidade Cultural na pós-modernidade; tradução: Tomaz Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 11ª Edição. Rio de Janeiro: DP & A, 2006.

HOURANI, Albert. Uma História dos Povos Árabes. Companhia das Letras. 2006.

IMMIGRAZIONI: Salvini, stop a Mare Nostrum. ANSA, 21 de abril de 2014. Disponível em: [https://www.ansa.it/sicilia/notizie/2014/04/21/immigrazionesalvinistop-a-mare-nostrum\\_d1e36767-74c5-496c-b94b-f278a1096402.html](https://www.ansa.it/sicilia/notizie/2014/04/21/immigrazionesalvinistop-a-mare-nostrum_d1e36767-74c5-496c-b94b-f278a1096402.html)>. Acesso em: 11 de novembro de 2023.

CLEVELAND, William L.; BUNTON, Martin. A History of the Modern Middle East. Boulder: Westview Press, 4ª Ed., 2009. apud LUCENA, G. G.; MESA, G. M. V. L.; NOGUEIRA, R.; AZEVEDO, D. A. A guerra civil síria: uma análise geopolítica do conflito armado e dos processos territoriais. 2022. Exame de qualificação (Doutorando em Geografia) - Universidade de Brasília.

LONGO, Beatriz; SOUZA, Maria Luiza. **Imigração e crise de refugiados no continente europeu: os dois lados do respaldo europeu**. Trabalho de Conclusão de Curso (Bacharelado em Relações Internacionais) — Universidade Anhembi Morumbi, São Paulo, p. 32. 2022. Disponível em: <https://repositorio.animaeducacao.com.br/handle/ANIMA/22384> Acesso em: 25 de outubro de 2023.

LOPES, Joana. **A Crise Migratória de 2015 e a Securitização das Migrações Irregulares na União Europeia**. Dissertação (Mestrado em Ciência Política e Relações Internacionais) - Universidade Nova de Lisboa, Lisboa, p. 117, 2021. Disponível em: [https://run.unl.pt/bitstream/10362/130842/1/Joana%20Lopes\\_51607\\_MCPRI.pdf](https://run.unl.pt/bitstream/10362/130842/1/Joana%20Lopes_51607_MCPRI.pdf). Acesso em: 25 de outubro de 2023.

MANCINO, Davide. Ukrainian diaspora in Italy. Comissão Europeia, 29 de julho de 2022. Disponível em: [https://ec.europa.eu/portugal/news/future-europe-conference\\_pt](https://ec.europa.eu/portugal/news/future-europe-conference_pt). Acesso em: 15 de maio de 2023.

MARCONI, Marina de Andrade; LAKATOS, Eva Maria. **Fundamentos de metodologia científica**. 5. ed. – São Paulo: Atlas, 2003.

MAZZONIS, Martino. Europa e minoranze: tutti i pregiudizi italiani (e dell'Est). Cronache di ordinario razzismo, 21 out. 2019. Disponível em: <https://www.cronachediordinariorazzismo.org/italia-europa-razzismo-minoranze-pew/>. Acesso em: 10 de janeiro de 2024.

MELONI: Abolire idiozia mare nostrum e destinare quei soldi... . Fratelli d'Italia, Roma, 09 de setembro de 2014. Disponível em: <https://www.fratelli-italia.it/2014/09/09/meloni-abolire-idiozia-mare-nostrum-e-destinare-quei-soldi/>. Acesso em: 11 de novembro de 2023.

MIGRAÇÃO: o drama que comoveu o mundo e dividiu a Europa. BBC News Brasil, 15 dez. 2021. Disponível em: <https://www.bbc.com/portuguese/internacional-55351023>. Acesso em: 25 de outubro de 2023.

MONIZ BANDEIRA, Luiz Alberto. A segunda Guerra Fria: geopolítica e dimensão estratégica dos Estados Unidos – das rebeliões na Eurásia à África do Norte e ao Oriente Médio. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2013 *apud* LUCENA, G. G.; MESA, G. M. V. L.; NOGUEIRA, R.; AZEVEDO, D. A. A guerra civil síria: uma análise geopolítica do conflito armado e dos processos territoriais. 2022. Exame de qualificação (Doutorando em Geografia) - Universidade de Brasília.

MORRIS, A. W. E. B. DU BOIS NO CENTRO: DA CIÊNCIA, DO MOVIMENTO DOS DIREITOS CIVIS, AO MOVIMENTO BLACK LIVES MATTER: W. E. B. DU BOIS AT THE CENTER: FROM SCIENCE, CIVIL RIGHTS MOVEMENT, TO BLACK LIVES MATTER. Revista Inter-Legere, [S. l.], v. 1, n. 23, p. 150–170, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufrn.br/interlegere/article/view/15766> Acesso em: 13 de dezembro de 2023.

NANNINI, Augusta. Italy 's Mixed Response to the Syrian Refugee Crisis. E-International Relations, 03 de maio de 2023. Disponível em: <https://www.e-ir.info/2023/05/03/italys-mixed-response-to-the-syrian-refugee-crisis/>. Acesso em: 11 de novembro de 2023.

OLIVEIRA, Bruno. Vinte anos da Guerra ao Terror. Le Monde Diplomatique Brasil, 16 de setembro de 2021. Disponível em: <https://diplomatie.org.br/vinte-anos-da-guerra-ao-terror/>. Acesso em 23 de novembro de 2023.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS. **Syria, Mesopotamia, Palestine mandates** – San Remo conference (UK, France, Italy, Japan) – Resolution (Non-UN document). ONU, 12 de março de 2019. Disponível em: <https://www.un.org/unispal/document/auto-insert-207297/>. Acesso em: 10 de janeiro de 2024.

PIMENTEL, Jonatas. **Mussolini entre os usos do imperialismo romano e o cinema italiano**. Orientador: Henrique Modanez de Sant'Anna. 2022. 15 f. TCC (Graduação). Curso de História, Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas, Universidade de Brasília, Brasília, 2022. Disponível em: [https://bdm.unb.br/bitstream/10483/32866/1/2022\\_JonatasVieiraPimentel\\_tcc.pdf](https://bdm.unb.br/bitstream/10483/32866/1/2022_JonatasVieiraPimentel_tcc.pdf). Acesso em: 10 de janeiro de 2024.

PINOTTI, Fernanda. Como a Europa trata de forma diferente refugiados da Ucrânia e do Oriente Médio. CNN Brasil, São Paulo, 25 mar. 2022. Disponível em: <https://www.cnnbrasil.com.br/internacional/como-a-europa-trata-de-forma-diferente-refugiados-da-ucrania-e-do-oriente-medio/>. Acesso em: 25 de outubro de 2023.

QUIJANO, A. ¡Qué tal raza!. Revista del CESLA, [S.l.], n. 1, nov. 2000, p. 192-200. ISSN2081-1160. Disponível em: <http://www.revistadelcesla.com/index.php/revistadelcesla/article/view/379>. Acesso em: 12 de dezembro de 2023.

RAMOS, Danielly. Introdução às Relações Internacionais. São Paulo: Contexto, 2022.

REIS, Andrey Santos. A Influência de Síria e Israel na Guerra Civil Libanesa (1975-1990). Trabalho de Conclusão de Curso. Curso de Relações Internacionais, Universidade Federal de São Paulo, São Paulo. 2022.

RESPOSTA da UE à invasão da Ucrânia pela Rússia. Consilium, 2022. Disponível em: <https://www.consilium.europa.eu/pt/policies/eu-response-ukraine-invasion/>. Acesso em: 09 de novembro de 2023.

RODRIGUES, Yago de Souza. O ORIENTALISMO DE EDWARD SAID COMO FERRAMENTA DE COMPREENSÃO DAS RAÍZES DA COMOÇÃO SELETIVA CONTEMPORÂNEA. Revista Jurídica (FURB), [S.l.], v. 26, p. e9903, maio de 2023. ISSN 1982-4858. Disponível em: <<https://bu.furb.br/ojs/index.php/juridica/article/view/9903>>. Acesso em: 04 de dezembro de 2023.

RORIZ, João H. O DILEMA DA NOVA CRISE DE REFUGIADOS NA EUROPA. [Entrevista concedida a] Güinewer Inaê. Cátedra Sérgio Vieira de Mello — Universidade Federal de Goiás, 2022. Disponível em: <https://csvm.ufg.br/n/152679-o-dilema-da-nova-crise-de-refugiados-na-europa>. Acesso em: 26 de novembro de 2023.

SAID, Edward. Orientalismo: O Oriente como invenção do Ocidente. São Paulo: Companhia de Bolso, 2007, p. 7-64 Disponível em: [http://resistir.info/livros/orientalismo\\_e\\_said.pdf](http://resistir.info/livros/orientalismo_e_said.pdf). Acesso em: 23 de outubro de 2023.

SALVINI: "Accogliamo gli ucraini in fuga, sono profughi veri". Letta: "Serve un aiuto più concreto per difendersi". La Repubblica, 2022. Disponível em: [https://www.repubblica.it/politica/2022/02/25/news/salvini\\_letta\\_ucraina-339233962/](https://www.repubblica.it/politica/2022/02/25/news/salvini_letta_ucraina-339233962/). Acesso em: 12 de novembro de 2023.

SALVINI: "Per profughi ucraini porte aperte, qui c'è enorme spazio". TODAY Attualità, 2022. Disponível em: <<https://www.today.it/attualita/salvini-profughi-ucraina-porte-aperte.htm>>. Acesso em 12 de novembro de 2023.

SANTOS, Diego Junior da Silva, et al. Raça versus etnia: diferenciar para melhor aplicar. Dental Press Journal of Orthodontics, Maringá, v. 15, n. 3, p. 121-124, jun. 2010. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/dpjo/v15n3/15.pdf>>. Acesso em: 10 de janeiro de 2024.

SARAIVA, João Victor Martins. O apagamento da ideia de Raça e o campo de estudos das Relações Internacionais: colonialidade do saber e as violências epistêmicas. In: 4º Seminário Associação Brasileira de Relações Internacionais, 2018, Foz do Iguaçu. Anais eletrônicos, 2018. Disponível em: <https://www.seminario2018.abri.org.br/arquivo/downloadpublic>. Acesso em: 28 de novembro de 2023.

SILVA, Adilson L. C. da. A gênese das fronteiras modernas. In Oriente Médio: A gênese das fronteiras. São Paulo Zapt Editora Ltda, p. 71-131. 2010.

SILVA, Rosângela. M. de N. B. e; SANTOS, Raquel. A. dos. Nacionalismo e identidade nacional: um retrato racial do Brasil e sua relação com o campo educacional / Nationalism and national identity: A racial portrait of Brazil and its relation to the educational field. **Brazilian Journal of Development**, [S. l.], v. 8, n. 1, p. 3630–3649, 2022. DOI: 10.34117/bjdv8n1-239. Disponível em: <https://ojs.brazilianjournals.com.br/ojs/index.php/BRJD/article/view/42693>. Acesso em: 25 de outubro de 2023.

SOUSA, Suzyanne. V. M. . O conceito de Refugiado: Historicidade e institucionalização. In: **30 Simpósio Nacional de História**, 2019, Recife. Anais do 30º Simpósio Nacional de História - História e o futuro da educação no Brasil, 2019. p. 1-11. Disponível em: [https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1554764413\\_ARQUIVO\\_HISTORICIDADEDOCONCEITO\\_DEREFUGIADO\\_ANPUH-RECIFE.pdf](https://www.snh2019.anpuh.org/resources/anais/8/1554764413_ARQUIVO_HISTORICIDADEDOCONCEITO_DEREFUGIADO_ANPUH-RECIFE.pdf). Acesso em: 25 de outubro de 2023.

S, Rodolfo P. das. Movimentos nacionalistas na Europa pós-Guerra Fria: Os casos de Flandres, Escócia e Catalunha. Tese (Programa de Pós-Graduação em Geografia Humana) - Universidade de São Paulo, São Paulo, p. 20-41, 2017. Disponível em: [https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-06082018-171057/publico/2017\\_RodolfoPereiraDasChagas\\_VO\\_rig.pdf](https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8136/tde-06082018-171057/publico/2017_RodolfoPereiraDasChagas_VO_rig.pdf). Acesso em: 25 de outubro de 2023.

TAORMINA, Giovanna. Ucraina, Meloni: «La sinistra ha capito ora la differenza tra rifugiati veri e migranti economici». Secolo d'Italia, 2022. Disponível em:

<<https://www.secoloditalia.it/2022/03/ucraina-meloni-la-sinistra-ha-capito-ora-la-differenza-tra-rifugiati-veri-e-migranti-economici/>>. Acesso em: 12 de novembro de 2023.

VIANNA, Leonardo . A italianidade em Igiaba Scego: repensar a identidade italiana a partir de uma perspectiva pós-colonial. In: SILVA, Douglas Rosa da; PIVETTA, Rejane; BITTENCOURT, Rita Lenira de Freitas. (Org.). Literatura: modos de resistir. 1ed.Porto Alegre: Bestiário/Class, 2021, v. , p. 454-473. Disponível em: <https://lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/264942/001177295.pdf?sequence=1&isAllowed=y>. Acesso em: 10 de janeiro de 2024.

VIANNA, Leonardo; BONA, Fabiano. D.. Pós-colonialidade e estereótipos africanos em Adua de Igiaba Scego. VERBO DE MINAS, v. 21, p. 92-109, 2020. Disponível em: <https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/verboDeMinas/article/download/2526/1678> . Acesso em: 10 de janeiro de 2024.

VICENZI, Roberta Aragoni Nogueira. Nacionalismo árabe: apogeu ao declínio? 227 f. Tese (Doutorado). Curso de Ciência Política, Universidade de São Paulo, São Paulo. 2006.

YIN, Robert K. Estudo de caso: planejamento e métodos. 2. ed. Porto Alegre, RS: Bookman, 2001.

ZORKO, Špela; DEBNÁR, Miloš. Comparing the racialization of Central-East European migrants in Japan and the UK. COMPARATIVE MIGRATION STUDIES, v. 9, p. 1-17, 2021. Disponível em: [https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8277425/pdf/40878\\_2021\\_Article\\_239.pdf](https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC8277425/pdf/40878_2021_Article_239.pdf). Acesso em: 10 de janeiro de 2024.



Universidade do Estado do Pará  
Centro de Ciências Naturais e Tecnologia  
Curso de Bacharelado em Relações Internacionais  
Tv. Enéas Pinheiro, nº 2626 - Marco  
CEP: 66095-100 Belém - PA  
[www.uepa.br](http://www.uepa.br)

